

O CENTAURO NO JARDIM: A CONDIÇÃO JUDAICA EXPRESSA NA OBRA DE MOACYR SCLiar ATRAVÉS DO CORPO DA FIGURA MITOLÓGICA

THE CENTAUR IN THE GARDEN: THE JEWISH ISSUE EXPRESSES IN THE WORK OF MOACYR SCLiar THROUGH THE BODY OF THE MYTHOLOGICAL FIGURE

Raíssa Varandas Galvão¹

RESUMO: O artigo em questão procura analisar o livro *O Centauro no Jardim*, de Moacyr Scliar relacionando-o com a questão judaica. Para tal, recorro à obra *Bodenlos*, de Flusser e ao livro *O Homem desenraizado*, de Todorov. O protagonista da obra de Scliar, como nos é apresentado logo no início da trama, nasce com uma característica que o diferencia dos demais: ele é um centauro, um ser mitológico metade homem, metade cavalo. A condição híbrida do personagem pode ser interpretada como uma metáfora para a situação identitária do imigrante judeu, bem como seus descendentes, que em função da diáspora e do contato com outras culturas no exílio, adquirem uma identidade plural.

PALAVRAS-CHAVE: diáspora; alteridade; judaísmo.

ABSTRACT: The article aims to analyze the book *The centaur in the garden*, by Moacyr Scliar, relating it to the Jewish issue. To achieve this proposal we turn to the work *Bodenlos*, by Flusser, and the Todorov's book *O Homem Desenraizado*. The protagonist from the Scliar's novel, as shown in the beginning of the plot, born with a feature that sets it apart from the other characters: it is a centaur, a mythological being half man, half horse. The hybrid condition of the character can be interpreted as a metaphor for the situation of the Jewish immigrant identity, as well as their descendants, who according to the diaspora and contact in exile with other cultures, acquire a plural identity.

KEYWORDS: diaspora; otherness; judaism.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca inserir a obra *O Centauro no Jardim*, do escritor brasileiro Moacyr Scliar, em uma tradição da literatura judaica. Com o auxílio de textos teóricos como *O Homem desenraizado*, de Tzvetan Todorov, “Herança judaica e autoficção em Tatiana Salem Levy”, capítulo da obra *Mulheres ao espelho*, de Eurídice Figueiredo e da obra *Bodenlos- uma autobiografia filosófica*, de Vilém Flusser, será analisada a situação do judeu na terra de exílio e os conflitos vivenciados a partir da busca de sua identidade, tema que, como veremos, é recorrente na obra de Scliar.

¹ Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora. raissa_vgalvao@hotmail.com

MOACYR SCLiar E A HERANÇA JUDAICA

Moacyr Scliar nasceu no Brasil, em Porto Alegre, no entanto era filho de imigrantes judeus vindos da Rússia, tendo sido criado no Bom Fim, bairro no qual se concentrava a comunidade judaica presente no Rio Grande do Sul. Sua condição de filho de imigrantes judeus e sua convivência na comunidade judaica viriam a marcar sua obra, sendo constante em seus livros personagens judeus fugidos da Rússia, como nos casos de *O Centauro no Jardim*, *Na noite do ventre, o diamante* e *A Majestade do Xingu*. Em entrevistas, o próprio Scliar encaixava sua obra na categoria da literatura de imigração e, ainda mais especificamente, na tradição da literatura judaica, admitindo que começara a se tornar escritor a partir das histórias que ouvia de seus pais e outros imigrantes do bairro Bom Fim, durante sua infância.

Em entrevista ao jornal *Estado de Minas*, Scliar reflete sobre a condição de imigrante e sobre a sua possibilidade de enxergar a terra do exílio através de um olhar distanciado. O autor afirma:

A verdade é que o imigrante recebe uma espécie de compensação por sua condição de marginal da cultura; ele é dono de um olhar privilegiado, um olhar que lhe permite enxergar a realidade do país de maneira diferente. Muitos descobrem assim novas oportunidades de ascensão econômica e social: o caso dos imigrantes que criaram a indústria cinematográfica; outros tornam-se revolucionários e outros ainda enveredam pelo caminho da literatura e da arte. De qualquer modo é uma situação original, que serve como fonte de inspiração. A isto deve-se juntar a tradicional veneração judaica pela palavra escrita e o peculiar humor - aquele humor melancólico, filosófico, que serviu, para um grupo perseguido e ameaçado, como defesa contra o desespero (SCLiar, 2010).

A essa ideia de Scliar podemos associar as palavras de Vilém Flusser, filósofo judeu nascido em Praga, exilado no Brasil, que, em sua autobiografia intitulada *Bodenlos*, busca tratar da situação de falta de fundamento, da falta de raízes, na qual o imigrante se encontra. O termo *bodenlos* poderia ser traduzido como “sem chão” ou “sem fundamento”, expressando assim a condição de sujeito desenraizado assumido pelo imigrante. Essa falta de fundamento, segundo Flusser, permite pairar por cima do conjunto complexo formado pelas várias culturas, possibilitando um novo ponto de vista, livre de toda valoração e engajamento.

Eurídice Figueiredo, ao tratar da herança judaica em Tatiana Salem Levy em um dos capítulos de seu livro *Mulheres ao espelho*, menciona a distinção entre três termos feita pelo escritor Albert Memmi. Segundo ele, existiria a judeidade (fato e maneira de ser judeu); o judaísmo (conjunto de doutrinas e instituições judaicas) e a judaicidade (conjunto de pessoas judias). A judeidade seria definida para ele, portanto, como: “um conjunto de fatos, condutas, instituições, que encontro em mim, mas, sobretudo, fora de mim, ao longo de minha vida. Antes de ser o objeto

de minha escolha, de uma decisão de minha vontade. São, em suma, fatos sociais” (MEMMI apud FIGUEIREDO, 2013, p.180).

Assim, a judeidade estaria relacionada à “trama de significações tradicionais, culturais, históricas, que forma o indivíduo e lhe confere sua real fisionomia” (MEMMI apud FIGUEIREDO, 2013, p.180). A judeidade diferencia-se, desse modo, do judaísmo, que designa a religião. A primeira associa-se às práticas culturais herdadas e o respeito aos valores, tradições e instituições, que, ainda que façam parte da religião judaica, não expressam uma religiosidade de fato. Dessa forma, muitos escritores judeus não religiosos tratam em seus livros da permanência da herança judaica. É o caso de Scliar, que, embora declarasse não praticar nenhuma religião, afirmava convictamente sua ligação com a tradição cultural judaica (SCLIAR, 2010). Sobre o assunto, podemos mencionar a afirmação de Derrida de que a judeidade seria interminável, podendo sobreviver ao judaísmo enquanto herança, uma vez que ela se define como a própria crença no futuro, como a união da experiência da promessa do futuro com a injeção da memória.

Podemos, então, concluir que a maior parte da obra de Scliar busca tratar do posicionamento do judeu perante si mesmo, os seus e o outro, refletindo, assim, a respeito do modo como ele se vê e se sente na situação de exílio. Como filho de imigrantes judeus, é possível inferir que o escritor sentia-se marcado pela memória legada por seus pais, herdeiro de uma condição que lhe foi transmitida através das gerações e da qual não conseguiu fugir, encontrando na escrita a forma de pensar tal herança.

O CENTAURO COMO METÁFORA

O livro analisado no presente trabalho, *O Centauro no Jardim*, conta-nos a história de Guedali Tartakovsky, filho de um casal de imigrantes judeus russos que vieram para o Brasil trabalhar nas fazendas experimentais do Barão Hirsch, localizadas no interior do Rio Grande do Sul, a fim de refugiarem-se da situação de perseguição que enfrentavam na Rússia. No entanto, o protagonista, desde o seu nascimento na fazenda de Quatro Irmãos, apresenta uma característica que o distingue dos demais: ele é um centauro, um ser mitológico metade homem, metade cavalo.

Até a cicatriz umbilical, menino bem-conformado, bonito. Após – luar. Rosto, pescoço, tórax apresentam pele lisa, rosada; segue-se pequena zona de transição: tegumento espesso, enrugado, torturado, premonição do que virá abaixo. Penugem dourada se torna mais densa e escura – surge, brutal, pelame alazão. E pata, lombo, cauda, casco, tudo *cavalo* (SCLIAR, 2011, p. 21-22).

Devido a sua natureza singular, Guedali se vê forçado a crescer escondido da sociedade, podendo apenas correr pelos campos próximos à fazenda, sem que ninguém o veja. À medida que cresce, Guedali vai tomando consciência da sua diferença em relação ao restante das pessoas, e passa a se questionar sobre a sua natureza, tentando encontrar suas origens através da leitura de livros de ficção, filosofia e ciência, mas, principalmente, através do estudo da história dos judeus, sem, no entanto, encontrar respostas para o mistério de sua verdadeira identidade: “Aos poucos a sensação de diferença, de bizarria, me impregna, incorpora-se ao meu modo de ser; antes mesmo da pergunta – inevitável e temível: por que sou assim? O que aconteceu, para que eu nascesse deste jeito?” (SCLIAR, 2011, p.29)

É em busca de sua identidade que Guedali decide, então, partir, galopando pelos campos durante a noite e escondendo-se durante o dia, até embarcar clandestinamente em um navio rumo ao Marrocos, junto com Tita (companheira centauro que encontra em suas peregrinações), à procura de um médico que poderia transformá-los em humanos como quaisquer outros. Após a cirurgia, Guedali e Tita estão livres dos quartos traseiros de cavalo, permanecendo apenas com duas patas de cavalo, que pouco a pouco se transformariam em pernas humanas, completando a metamorfose dos dois centauros em homem e mulher aparentemente normais. Ao desfazer-se de sua parte centauro, no entanto, Guedali expressa a sensação de estar violando sua natureza ao rejeitar de modo brutal parte do que ele era. Atormentando-se, dessa forma, até mesmo pelo destino que o médico marroquino dera aos seus restos equinos, que foram vendidos aos nativos e reaproveitados para a alimentação e na confecção de tambores e outros objetos artesanais. O protagonista sente-se mal com o descaso com que fora tratada sua outra metade, e procura respeitar os restos de Tita, mandando-os para a cremação e lançando as cinzas ao mar, como se a parte retirada se tratasse de fato de um cadáver, uma metade de sua vida que partira.

Mesmo após o processo de metamorfose se completar, porém, Guedali não se vê livre de sua natureza equina, expressa por seus sonhos constantes com um cavalo alado (definido como anjo protetor dos centauros), pelas saudades das cavalgadas pelos campos, pela insistente sensação de desajuste e por traços de sua outra metade que insistiam em permanecer dentro dele, ainda que ela tenha sido fisicamente eliminada: “Agora que não há mais cascos evidentemente não é possível, mas a vontade que tenho é de dar patadas no chão até que o garçom apareça” (SCLIAR, 2011, p.200).

A figura do protagonista, ao apresentar-se na forma de um centauro, pode ser interpretada como uma metáfora para a situação identitária do imigrante judeu e de seus descendentes. O caráter híbrido desse ser mitológico nos permite refletir a respeito do indivíduo que pertence a múltiplas

culturas, como no caso dos judeus, que, em consequência da diáspora, adquiriram identidades plurais, ainda que preservando entre essas a sua herança comum. De acordo com Betty B. Fuks:

O sujeito da Diáspora, à diferença de um exilado político expulso de sua própria pátria, nasceu em um país no qual ele se situa simultaneamente dentro e fora, num entre-dois cujas “fronteiras” lhe permitem partilhar a identidade do povo da nação na qual existe e manter um “pedaço de si” sempre alhures, no espaço marginal de não lugar (FUKS apud FIGUEIREDO, 2013, p.180).

Sendo assim, traçado na forma de um centauro, o protagonista de Moacyr Scliar possibilita reflexões a respeito de duas identidades presentes no mesmo personagem: a judaica, herdada de seus pais e antepassados, e a brasileira ou, mais especificamente, a gaúcha, fruto da terra onde nascera. Guedali assim define sua situação: “Eu habito a fronteira de dois mundos, dois mundos que me rechaçam, estou condenado a vagar pela vida como alma penada...” (SCLIAR, 2011, P.38). Não seria essa a primeira vez que judeus são comparados a animais, no entanto, ao contrário da proposta de Scliar, que utiliza a figura do cavalo como forma de refletir melhor a respeito de sua própria identidade judaica, apresentando, portanto, um aspecto construtivo, o uso comum da figura de animais para se referirem aos judeus ao longo da história era feito de modo pejorativo, como forma de denegrir a imagem do Outro através da desumanização. Na Alemanha de Hitler, as propagandas do nazismo constantemente representavam os judeus na figura de ratos, assim como antes, na Idade Média, eles eram associados aos porcos, como uma forma de associá-los à sub-humanidade.

Para melhor entendermos a metáfora existente no centauro de Scliar, é possível recorrermos ao livro *O Homem Desenraizado*, de Tzvetan Todorov. Ao escrever sobre sua experiência como exilado na França, Todorov realiza uma reflexão sobre a sua condição de pertencer a duas culturas e duas sociedades ao mesmo tempo. Embora pertencesse à cultura búlgara e à cultura francesa, o autor percebe que suas duas metades não são capazes de formar um todo, na medida em que não se complementavam, antes, mostravam-se incompatíveis. Cada metade mostrava-se capaz de substituir a outra, mas nunca eram passíveis de combinarem-se. Suas duas identidades reinavam incondicionalmente, cada uma no seu devido momento e local. Impossibilitado de associá-las de forma compatível, mas igualmente incapaz de renunciar a qualquer uma delas, Todorov viu-se dotado de duas personalidades inteiras, duas vidas, em uma só pessoa, vivendo o que ele classifica como uma esquizofrenia social. Contudo, afirma que, se essas duas vozes internas formarem uma hierarquia livremente escolhida, a angústia de tal situação pode ser superada, tornando-se um terreno fértil para novas possibilidades. A partir disso, Todorov alega viver em

um estado de transculturação, no qual o exilado adquire um novo código sem perder o antigo: “Desde então, vivo em um espaço singular, ao mesmo tempo por fora e por dentro: estrangeiro ‘na minha casa’ (em Sófia), em casa ‘no estrangeiro’ (em Paris)” (TODOROV, 1999, p.26).

De acordo com o autor em questão, esse processo de transculturação serviria ao desenraizamento do homem, encarando a cultura como viva e, portanto, mutável, o que abriria portas para um novo ponto de vista e experiências distintas. À noção de homem desenraizado, de Todorov, podemos mencionar, mantendo as devidas distinções, o homem sem fundamento, de Vilém Flusser, que paira sobre o complexo das várias culturas. Para Flusser, ser judeu, ao contrário da noção de fechar-se sobre uma cultura, relacionar-se-ia com o saber circular por diferentes culturas, sintetizando-as e conectando-as com sua própria tradição. O filósofo defende o homem como *heimatlos*, palavra normalmente dirigida de modo pejorativo aos judeus e que expressa o indivíduo que não tem nacionalidade, apátrida, logo, sem raízes, mas que para Flusser assume um caráter positivo, uma vez que, nessa situação, o homem liberta-se da pátria, dessacralizando-a e possibilitando uma ação criadora. “Em suma, sou heimatlos, porque muitíssimas pátrias (Heimaten) se armazenam em mim” (FLUSSER apud SELIGMANN-SILVA, 2009, p.4). Essa liberdade do imigrante, permite que ele não apenas supere o limite da pátria, mas que ele as incorpore, e as acumule.

O personagem Guedali, assim como Todorov, encontra-se dividido entre metades incompatíveis, que, como resultado, causam-lhe uma constante sensação de não-pertencimento e de desajuste perante a sociedade. Do mesmo modo que Todorov enxerga-se como um fantasma nos momentos em que as suas duas identidades são obrigadas a se confrontarem, como pode ser visto na seguinte passagem da obra *O homem desenraizado*: “Eu sou um fantasma..., ou melhor, uma encarnação” (TODOROV, 1999, p.27), o protagonista de *O Centauro no Jardim* compara-se a uma alma penada, dando a dimensão de seu desajustamento e das dúvidas e insatisfações com relação a sua natureza híbrida. Assim como Guedali, o judeu é simultaneamente estrangeiro e pertencente à sociedade na qual vive, tal qual um homem híbrido, enfrentando com isso inquietudes existenciais com relação à sua origem e ao seu próprio eu. O sujeito da diáspora ocupa a posição de único e universal, simultaneamente, posicionando-se no cruzamento dos intercâmbios culturais e também, no centro do mundo, vivendo, assim, em um entre-lugar. O próprio Scliar escreve a respeito ao falar, em seu livro, *A Condição judaica*, sobre o também escritor judeu, Kafka:

A condição judaica remete uma questão fundamental dos tempos modernos: a identidade [...] Kafka herdou de seus antepassados judeus a sensação de constante estranheza, de alienação, resultante de séculos de perambulação pelo mundo, de um país e outro, de uma região a outra. O judeu sempre foi um estranho, mirado

com desconfiança e frequentemente transformado em bode expiatório. Ao estranho se atribui poderes, e um realmente ele tem: pode lançar seu olhar desapaixonado sobre a realidade que encontra e perceber de imediato coisas que os nativos não veem (SCLiar, 1985, p.79).

A condição do personagem proporciona mais de uma interpretação possível. Segundo Soraya Lani, autora do artigo “Metamorfose e imaginário equino na construção da identidade judaica brasileira em *O Centauro no jardim de Moacyr Scliar*”, a figura do centauro pode ser associada ao gaúcho, uma vez que, segundo ela: “[a] relação simbiótica entre o gaúcho e o cavalo é algo já enraizado na história e literatura do Rio Grande do Sul” (LANI, 2011, p.136). Contudo, Lani acredita que a obra de Scliar não se enquadra no âmbito da literatura rio-grandense de exaltação do tradicional gaúcho dos pampas e sua fusão com seu cavalo já que Guedali está longe de parecer-se com o gaúcho clássico. Antes, segundo a autora, a parte equina de Guedali é associável à singularidade de sua identidade judaica, uma vez que, assim como a figura do cavalo, os judeus são reconhecidos pela migração e errância.

Partindo das ideias de Soraya Lani, o centauro, devido a sua parte equina, carrega em seu próprio corpo a marca do caráter migratório, do ser que se encontra em constante movimento, de forma que, ainda que se encontre estático em algum território, é visto como um elemento provisório. O imigrante e, principalmente, o judeu, também está constantemente associado à noção do caminhar e do deslocar-se. Assim como o centauro, o judeu é visto como alguém apenas de passagem, alguém que está não apenas em um lugar que jamais será seu de fato, mas, principalmente, como alguém que não pertence a lugar nenhum. Desse modo, no caso de Guedali, a sua natureza possivelmente remete a singularidade de sua identidade judaica, sempre em exílio, trazendo no próprio corpo a marca do caráter migratório.

Além disso, o centauro, enquanto criatura mitológica, é visto como um ser noturno, provindo da obscuridade, obrigado a esconder-se da claridade do dia. Dessa mesma forma, o imigrante também pode ser visto como um ser obscuro, sempre estranho perante os olhos dos demais, condenado a ser eternamente classificado como estrangeiro, forasteiro, em um eterno estado de não-pertencimento. Guedali, ao longo da obra, se vê obrigado a esconder sua estranheza da luz do dia, sempre protegido pela escuridão, pelo abrigo das matas, pela clandestinidade ou pelo par de calças e botas que disfarçavam suas patas.

Em sua autobiografia, Flusser compara o seu interesse pela natureza brasileira como uma busca pela solidão, uma fuga das coisas humanas em favor da realidade mais estável das coisas da natureza. De acordo com suas palavras: “tratava-se de convite para encontrar-se a si próprio dentro da vastidão do nada” (FLUSSER, 2007, p.61). Vemos o mesmo apelo da natureza em *O Centauro*

no Jardim, onde Guedali é constantemente chamado a galopar pelos campos e matas, principalmente nos momentos em que sua identidade estranha mais o perturbava:

Este galope. Este galope no meio da noite, por descampados, por banhados que espelham uma pálida lua, este galope me ficará na memória durante muito tempo. Hoje relembro saudoso os tempos em que podia livremente galopar, ainda que- como naquela noite- amedrontado (SCLIAR, 2011, p.68).

Assim, a necessidade constante de Guedali de galopar pode ser intimamente associada à figura do judeu errante, estrangeiro em qualquer lugar, que busca no chamado da natureza uma maneira de se ocultar enquanto ser obscuro e inadaptado.

É interessante mencionarmos, ainda, o título do livro. A figura do jardim pode ser vista como um espaço que se opõe à natureza selvagem, à desordem e ao inconsciente, associando-se à luta de Guedali para domesticar sua metade animalesca, seus instintos primitivos, em prol de sua identidade humana, chegando a mutilar-se para ser capaz de viver normalmente em uma sociedade na qual, no fundo, jamais se adaptaria, vivendo, mesmo depois de adquirir uma aparência “normal”, a constante sensação de continuar equino e, portanto, estranho aos demais.

CONCLUSÃO

Podemos concluir, então, que a duplicidade presente no corpo do personagem scliariano abre espaço para ser interpretada como uma metáfora da condição judaica resultante da diáspora. Guedali, desde o seu nascimento, tenta encontrar sua própria identidade, buscando uma conciliação pacífica entre suas metades, que, no entanto, se mostra impossível. No seu caráter duplo, o centauro procura expressar o judeu errante, eterno imigrante, envolto no estereótipo da obscuridade e da estranheza, trazendo consigo, assim como o centauro carrega em seu próprio corpo a natureza híbrida, as marcas dos muitos territórios, paisagens e hábitos que herdou. Pertencendo a mais de uma cultura e sociedade e, ao mesmo tempo, não pertencendo de fato a lugar nenhum, o judeu apresenta-se como uma figura complexa e ao mesmo tempo, essencial para se repensar os novos espaços e as novas relações entre os homens.

REFERÊNCIAS

FIGUIREDO, Eurídice. Herança judaica e autoficção em Tatiana Salem Levy. In: *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: 2013.

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

IGEL, Regina. Escritores judeus brasileiros: um percurso em andamento. *Revista Iberoamericana*, [s.l.], v.LXVI, n. 191, p. 326-338, abril-junho, 2000.

LANI, Soraya. Metamorfose e imaginário equino na construção da identidade judaica brasileira em *O Centauro no Jardim* de Moacyr Scliar. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 3, n.2, p. 130-142, julho-dezembro, 2011.

MELO, Neuza de Fatima Vaz de. Multiplicidade de vozes em *O Centauro no Jardim*. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, v. 14, n. 1, p. 131-142, 2010.

SCLIAR, Moacyr. *O Centauro no Jardim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A Condição judaica*. Porto Alegre: L&PM, 1985. p.79.

_____. *Entrevista dada ao jornal Estado de Minas*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: www.scliar.org/moacyr/. Acesso em: 30 de setembro de 2013.

_____. *Entrevista dada à revista Época*. Época, São Paulo. Disponível em: www.scliar.org/moacyr/. Acesso em: 30 de setembro de 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Construir pontes para fora da Heimat: Vilém Flusser e as marcas de seu exílio. ed. 1, *Veredas & Cenários*, pp. 19, pp.155-173, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *O Homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.